

# SUMÁRIO

Introdução.....	11
Capítulo 1 O ato de avaliar: epistemologia e método .....	21
1. O ato de avaliar é constitutivo do ser humano.....	24
2. Considerações epistemológicas sobre o ato de avaliar.....	27
3. Fontes histórico-filosóficas para a compreensão do ato de avaliar.....	32
3.1 Filosofia antiga e medieval: ser e valor, fenômenos equivalentes .....	33
3.2 Filosofia moderna e contemporânea: ser e valor, fenômenos distintos.....	42
4. Passos metodológicos da investigação avaliativa.....	46
4.1 Primeiro passo do ato de avaliar: definir o objeto de investigação e o padrão de qualidade admitido como satisfatório .....	46
4.2 Segundo passo do ato de avaliar: produzir uma descritiva da realidade como base para a identificação de sua qualidade .....	49
4.3 Terceiro passo do ato de avaliar: atribuir qualidade à realidade descrita .....	52
Concluindo.....	54

Capítulo 2	Uso dos resultados da investigação avaliativa.....	57
1.	Usos diagnóstico, probatório e seletivo dos resultados da investigação avaliativa .....	59
2.	Inter-relação entre os usos diagnóstico, probatório e seletivo dos resultados da avaliação .....	64
3.	Curva estatística como recurso de leitura dos dados da investigação avaliativa .....	67
	Concluindo.....	71
Capítulo 3	Avaliação da aprendizagem na escola: vicissitudes conceituais, históricas e práticas.....	73
1.	Sobre o ato de avaliar a aprendizagem na escola.....	76
2.	Usos dos resultados da avaliação da aprendizagem em nossas escolas .....	81
	2.1 Uso seletivo .....	81
	2.2 Uso diagnóstico .....	89
3.	Como chegamos ao modelo de uso seletivo dos resultados da avaliação da aprendizagem em nossas escolas.....	93
4.	Possibilidades do uso diagnóstico dos resultados da avaliação da aprendizagem.....	112
Capítulo 4	Avaliação da aprendizagem e democratização social .....	115
1.	Ensino escolar e democratização no Brasil.....	119
2.	A estarrecedora exclusão na educação brasileira.....	121
3.	Avaliação em educação: parceira do educador na arte de ensinar e aprender.....	128
	Concluindo.....	130

Capítulo 5	<i>Avaliação da aprendizagem: questões epistemológicas .....</i>	133
1.	Planejamento da investigação avaliativa da aprendizagem ...	135
2.	Coleta de dados para a avaliação da aprendizagem .....	141
2.1	Sistematicidade do conteúdo abordado .....	144
2.2	Linguagem compreensível .....	146
2.3	Compatibilidade entre ensinado e aprendido .....	147
2.4	Precisão .....	150
3.	A qualificação da aprendizagem do estudante .....	151
4.	Uso dos resultados da avaliação .....	152
Capítulo 6	<i>Avaliação da aprendizagem e níveis de escolaridade .....</i>	155
1.	Avaliação da aprendizagem na Creche e na Educação Infantil .....	158
2.	Avaliação da aprendizagem no Ensino Fundamental, Médio, EJA e Superior .....	159
3.	Avaliação na pós-graduação .....	161
4.	Equívocos a serem evitados no que se refere à avaliação da aprendizagem .....	162
	Concluindo .....	167
Capítulo 7	<i>Tipificação da avaliação em educação: uma questão epistemológica .....</i>	169
1.	Tipificação da avaliação com base nos momentos da ação ..	171
2.	Tipificação da avaliação com base na dimensão do tempo — avaliação processual e avaliação contínua .....	175
3.	Tipificação da avaliação com base no uso dos seus resultados .....	179

4. Tipificação da avaliação com base na filosofia da educação que configura o projeto pedagógico.....	181
5. Tipificação da avaliação com base no sujeito que a pratica..	185
Concluindo.....	187
Capítulo 8 Avaliação institucional e de larga escala .....	189
1. Avaliação institucional.....	192
2. Avaliação de larga escala.....	195
Concluindo.....	204
Capítulo 9 Para além de todas as compreensões teóricas: o educador e o estudante .....	205
1. O educador .....	206
2. Ensinar e aprender.....	212
Concluindo.....	225
Encerrando este estudo.....	227
Referências.....	229

## INTRODUÇÃO

Torno público o presente livro em comemoração aos cinquenta anos de meus vínculos com a área de estudos da Avaliação em Educação, seja investigando-a sob variados focos, seja escrevendo e publicando livros, artigos em revistas, assim como via as redes sociais de comunicação, seja ainda participando de múltiplos eventos pedagógicos e científicos por todo o país, desde o ano de 1973 até a presente data.

Esta introdução tem dois focos. O primeiro refere-se à jornada pela qual cheguei onde me encontro no presente momento da vida no que se refere à temática abordada neste livro; o segundo está comprometido com o seu conteúdo.

Início pelo relato de acontecimentos vinculados ao primeiro foco.

Meus contatos iniciais com a área de estudos da avaliação em educação deram-se no decurso do mês de julho de 1968. Havia feito estudos e formação religiosa no Seminário Menor de Sorocaba, SP, onde percorri um ano de escolaridade dedicado aos estudos e aprendizagens relativos à Admissão ao Ginásio (1956), quatro anos de Ginásio (1957-1960) e três anos de Colégio (1961-1963). A seguir, iniciei os estudos de Filosofia, no Seminário Maior, sediado em Aparecida do Norte, SP, mantido pela Arquidiocese de São Paulo (1964). Por essa ocasião, cursava as disciplinas dentro do Seminário, mas, ao mesmo tempo, encontrava-me matriculado da Faculdade de Filosofia e Ciências e Letras de Lorena, SP, mantida pelos Padres Salesianos, através de um Convênio entre a Arquidiocese

de São Paulo e essa instituição de Ensino Superior, ou seja, a Faculdade reconhecia as atividades docentes e discentes sob a égide de suas responsabilidades oficiais, ainda que elas ocorressem sob o teto do Seminário. Para todos os efeitos, nossos estudos tinham um aval oficial.

Em finais do ano de 1964, o Arcebispo de São Paulo, D. Agnelo Rossi, decidiu encerrar a experiência do Seminário Maior de Aparecida do Norte, recambiando essa instituição para São Paulo, no espaço do Seminário Central do Ipiranga, de onde havia saído, alguns anos antes. Então, deixei de ser estudante de uma instituição oficial, permanecendo com os estudos exclusivamente reconhecidos como uma instituição religiosa católica. Permaneci matriculado no Seminário Imaculada Conceição, também denominado Seminário Central do Ipiranga, entre os anos de 1965 e 1968, quando, ao final desse ano, deixei os estudos religiosos, destinados à formação de um padre diocesano.

No período que permaneci no Seminário Central do Ipiranga, percorri mais dois anos de formação filosófica, complementando o ano anterior, realizado em Aparecida do Norte. A formação filosófica dentro do Seminário era feita em três anos de estudos. A seguir, percorri os dois primeiros anos do Curso de Teologia (1967-1968), período que compunha os estudos para o Bacharelado nessa área de conhecimentos. Em fins de 1968, obtive o Diploma de Bacharel em Teologia, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, instituição à qual o Seminário Central do Ipiranga estava vinculado academicamente.

No decurso do ano de 1968, decidi retomar os estudos oficiais de Filosofia, vínculo interrompido no final do ano de 1964, em conformidade com registro feito logo acima nesta introdução, à medida que os estudos ocorridos exclusivamente no seio do Seminário, após o retorno à cidade de São Paulo, não tinham validade oficial. Nessas circunstâncias, matriculei-me na Faculdade Nossa Senhora Medianeira, mantida pelos Padres Jesuítas, na cidade de São Paulo, procedendo transferência dos estudos anteriormente realizados na Faculdade Salesiana de Lorena, tendo em vista retomar o Curso oficial de Licenciatura em Filosofia.

Matriculei-me em disciplinas oferecidas para os períodos de férias, cujas aulas ocorriam no mês de julho de um ano (no caso, julho/1968) e, a seguir, eram complementadas no mês de janeiro do ano seguinte (no caso, janeiro/1969).

Nesse período letivo, o padre jesuíta Godeardo Baquero estava oferecendo uma disciplina curricular, da Faculdade Nossa Senhora Medianeira, para estudantes de variadas Licenciaturas, intitulada “Complementos Pedagógicos”, cujo conteúdo, naquela oportunidade, era Medidas Educacionais. O livro didático adotado para estudo do conteúdo da disciplina era de sua autoria. Havia sido publicado, nesse mesmo ano, pelas Edições Loyola, SP, cujo título é *Testes psicométricos projetivos: esquemas para construção, análise e avaliação*. Ainda tenho o exemplar do livro, com anotações pessoais da época; afinal, uma relíquia em minha história de vida.

Na segunda orelha desse livro, lê-se que “o Professor Godeardo Baquero, além de Licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade Central de Madrid, doutorou-se em Psicologia pela Universidade Javeriana de Bogotá. Fez curso de Pós-Graduação sobre “Tests and Measurements”, em Princeton, no “Educational Testing Service”, New Jersey, EUA, e em vários outros centros universitários dos Estados Unidos”.

E, nessa mesma segunda orelha, há a informação de que o referido professor, no ano de 1968, quando fui estudante em uma de suas turmas, atuava em tempo integral na Faculdade de Educação, da Universidade de Brasília, ensinando Psicometria e Estatística Aplicada. Antes, ensinara na Universidade Javeriana de Bogotá e na Universidade Pedagógica Nacional da Colômbia.

O referido professor é espanhol e, na ocasião em que fui estudante matriculado na turma dos referidos Complementos Pedagógicos, era sacerdote vinculado à Companhia de Jesus e estava radicado no Brasil, desde 1957.

Desejo registrar na introdução deste livro meu profundo agradecimento ao Professor Godeardo Baquero por ter me iniciado nos

estudos dessa temática. Um professor que amava aquilo que fazia e, por isso, conseguia que todos nós, seus estudantes, nos interessássemos plenamente pelos conteúdos que ensinava.

Com este livro, comemoro meus cinquenta anos de atuação na área, assim como comemoro ter sido estudante sob a orientação de sábio e vibrante professor; tão vibrante que continuo vinculado ao tema com o qual entrei em contato e, cujos conteúdos, iniciei a aprender em suas aulas. Claro, em cinquenta anos, “muitas águas passaram por debaixo da ponte”, como expressa o ditado, porém, o início de meu vínculo com esse tema deu-se há muito tempo, nas salas de aula da Faculdade Nossa Senhora Medianeira, sob a orientação e ensino desse professor. Gratidão sempre!

Minha vinda para Salvador e residência nessa mesma cidade tem uma história, que, de alguma forma, expressa vínculos com os estudos da avaliação em educação. No início do ano de 1968, participei de uma Campanha de Alfabetização, promovida por um padre irlandês, residente em Pilão Arcado, na época paróquia da Diocese de Juazeiro, Bahia. Um amigo, originário de Belém do São Francisco, PE, também sob a jurisdição da mesma Diocese, havia me convidado para essa empreitada. Após dúvidas, acolhi o convite e lá fomos nós, de ônibus, São Paulo-Salvador; cinquenta horas de viagem; depois, Salvador-Juazeiro da Bahia, mais dez horas de viagem; a seguir, Juazeiro-Remanso, BA, em torno de seis horas de viagem, trasladados por um “ônibus pára-pára” e por estradas de terra batida; por último, Remanso-Pilão Arcado, BA, viajando em um jipe por dois dias, mais uma noite dormida ao relento, em um período de chuvas, com o Rio São Francisco transbordando e se espalhando pela caatinga. Uma aventura. Esse último trecho da viagem tinha curta distância, em torno de 60 quilômetros, mas as estradas eram precárias, vicinais, somadas aos trechos quase que intransponíveis em decorrência das chuvas. Antes de partir para Pilão Arcado, vivenciei uma semana de hospedagem em Salvador, BA, onde fiz vários e bons amigos.

A Campanha de Alfabetização ocorreu no distrito de Barreirinho, município de Pilão Arcado, 60 quilômetros distante de sua sede, onde



viviam 12 famílias. Nesse lugar vivi por um mês e meio. Sair de lá? Só quando viessem me buscar. Dediquei-me à tarefa para a qual fora convidado, porém acredito que mais recebi do que dei. As diferenças socioculturais entre minha formação pessoal, em cidades do Estado de São Paulo, e a cultura e a forma de viver em Barreirinho eram facilmente perceptíveis. Claro, ocorreram muitas trocas de experiências, com as conversas, com minha presença naquele lugar, com meu modo de agir com as crianças e os adolescentes, contudo, havia diferenças inclusive metodológicas no que se refere ao ensino e à aprendizagem da leitura e da escrita. Fui alfabetizado pela silabação e, nesse local, como em toda Bahia, o método de alfabetização seguia o método da soletração. Valeu a experiência e o “batismo” na cultura baiana.

Finda essa experiência, retornei à cidade de São Paulo, mais um ano de Teologia no decurso de 1968, e, em fins do mês de janeiro de 1969, a convite do Padre João Mayers, retornei à Pilão Arcado, cidade sede de sua paróquia, onde estava investindo na criação de um Ginásio<sup>1</sup>, através da CNEC — Companhia Nacional de Educandários das Comunidades<sup>2</sup>. Meu retorno a essa cidade tinha a ver com o convite desse padre para assumir a direção da escola em implantação. E, lá fui eu novamente para Pilão Arcado.

Um ano de sertão. Além de dirigir a escola, ensinei Matemática, Geografia, Problemas Brasileiros, Educação Física. Meu Deus! “Pau para toda obra”. Em fins de 1969, encerrei essa experiência, fixei residência em Salvador, cidade para a qual transferi meus estudos filosóficos, da Faculdade Nossa Senhora Medianeira, SP, para a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Católica do Salvador. Conclui

---

1. Até o ano de 1971, no Brasil, o ensino estava segmentado em Escola Primária (4 anos), Ginásio (4 anos), Colegial (3 anos) e Ensino Superior (4, 5 ou 6 anos, a depender da formação).

2. Pode-se facilmente acessar uma resenha histórica desta instituição, que fora fundada em Recife, PE, em 1943, por exemplo, em: <<https://sites.google.com/site/felipetiagogomes/cnec>>. Acesso em: ?????

o Curso em finais de 1970, devido a possibilidade, estabelecida pelo Conselho Federal de Educação, no decurso do ano de 1969, de aproveitamento de estudos filosóficos realizados em Seminários, através de provas de proficiência em conhecimentos no âmbito de cada uma das disciplinas do Curso de Filosofia. Submeti-me às provas e, em função disso, praticamente, completei o histórico escolar que cobria todas as disciplinas do Curso no qual havia me matriculado. Então, no decurso do ano de 1970, percorri exclusivamente as disciplinas pedagógicas da Licenciatura em Filosofia, fiz os estágios exigidos por lei e recebi o Diploma de Licenciado em Filosofia.

Em meados desse mesmo ano de 1970, servindo-me do Diploma de Bacharel em Teologia, emitido pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), inscrevi-me para a Seleção a uma vaga para o Mestrado em Ciências Humanas, mantido pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Consegui a vaga e uma Bolsa de Estudos por dois anos e meio. Iniciei esses estudos em 1971, ano em que, também por concurso, ingressei no magistério superior na área de Filosofia, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia, em Salvador, BA; encerrei esses estudos em 1973. De lá para cá, resido na cidade de Salvador, hoje já aposentado das atividades docentes, seja na Graduação em Filosofia, seja no Programa de Pós-Graduação em Educação, dessa mesma Universidade. Uma longa e profícua história.

Mais alguns dados relativos aos anos que medeiam entre 1968 e 2018. Nesse período, vivenciei múltiplas experiências, seja como funcionário do Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia, onde, entre os anos 1971 e 1976, atuei exclusivamente no Setor de Avaliação em Educação, seja como professor de Filosofia e de Educação na Universidade Federal da Bahia, entre os anos de 1971 e 2010, seja exercendo a docência em Metodologia do Trabalho Científico, na recém-fundada Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), BA, entre os anos de 1976 e 1994, seja formando-me em Psicoterapia em Biossíntese,

entre os anos 1992 e 1996, e atuando em consultório psicoterapêutico por vinte anos, seja realizando estudos na área da espiritualidade e atuando na Escola Dinâmica Energética do Psiquismo, entre 1996 e 2013. Múltiplas experiências, nessa cidade do Salvador, BA, que adotei como minha cidade. Aqui, me tornei o profissional que sou, casei-me por duas vezes, tenho uma filha, dois filhos, netos e netas. Abençoada terra!

Importa registrar ainda duas referências relativas aos cinquenta anos de vínculos com o tema da avaliação em educação. A primeira delas refere-se a ABT, que recebeu, inicialmente, a denominação Associação Brasileira de Teleducação e, posteriormente, a denominação Associação Brasileira de Tecnologia Educacional, com sede na cidade do Rio de Janeiro. Convivi nessa Associação desde sua fundação, em 1971, até, aproximadamente, o ano de 1992, quando afastei-me do seu quadro de sócios, tendo inclusive sido seu Presidente por dois anos.

No que se refere à avaliação, registro que meu primeiro artigo publicado na revista dessa instituição — *Tecnologia Educacional* — ocorreu no seu número 24, de setembro/outubro de 1978, páginas 5 a 8, intitulado “Avaliação educacional: pressupostos conceituais”. Ocorria, com a publicação desse artigo, uma abertura dos meus vínculos com a área da educação para o espaço geográfico do país, desde que a revista tinha esse alcance nacional. Não fora o primeiro artigo de minha autoria publicado em uma revista dessa abrangência, contudo, sobre o tema da avaliação em educação, sim. Durante os anos que permaneci na instituição, muitos foram os artigos e textos que tornei público por seus órgãos de comunicação.

Tenho clara consciência de que colaborei com a manutenção e o crescimento da ABT, mas também não tenho dúvida alguma de que ela foi uma porta e um caminho para que meu nome profissional fosse lançado, como um estudioso da área de conhecimentos da avaliação em educação. Gratidão à ABT e a todos os seus profissionais, que, ao longo de anos, me acolheram, me deram suporte, fatores que me possibilitaram ser conhecido no país como estudioso dessa temática.

A segunda referência a ser registrada tem a ver com a Cortez Editora, São Paulo, com seu criador e mantenedor José Xavier Cortez e todos os profissionais que atuam na instituição. Meu primeiro contato com essa Editora ocorreu com a publicação do livro *Fazer universidade: uma proposta metodológica*, da autoria de quatro professores, que, a partir de 1976, atuávamos na disciplina Metodologia do Trabalho Científico, no Ciclo Básico de Estudos, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Bahia, fundada nesse referido ano; agora — 2018 —, todos já afastados do ensino, devido aos procedimentos de aposentadoria.

Éramos Cipriano Luckesi, Elói Barreto, José Cosma, Naidison Baptista. Esse livro fora publicado pela primeira vez no ano de 1984 e, de lá para cá, teve 17 edições sucessivas; sendo que, a partir da 17<sup>a</sup>, ocorreram sucessivas reimpressões. A Cortez Editora lançou a mim e a meus pares no mundo. Vagarosamente, esse livro ocupou espaços nos estudos de metodologia do trabalho científico no país, como um todo.

No que se refere à avaliação em educação, em 1995, a Cortez Editora tornou público um livro de minha autoria — que reuniu um conjunto de artigos e textos já publicados, de modo especial através da revista *Tecnologia Educacional*, acima referida — com o título *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*, que, até o ano de 2011, havia atingido a 22<sup>a</sup> edição; ano no qual, em função do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990, segundo o qual tanto o Brasil como outros países, que usavam a Língua Portuguesa como língua oficial, deveriam fazer ajustes ortográficos, universalizando um modo comum de expressar por escrito. Em função desse fato, havia necessidade de que todas as Editoras, no Brasil, procedessem uma revisão ortográfica em todos os livros que publicara até então e que permaneciam sendo comercializados. Aproveitei a oportunidade para, além de rever a ortografia, reordenar os capítulos do livro sobre avaliação da aprendizagem, que já havia sido publicado há alguns anos, acrescentando novos capítulos.

De 1995 a 2011, haviam se passado 16 anos e minhas compreensões sobre avaliação em educação também haviam ganhado novas nuances, fatores que me levaram a produzir um novo livro a respeito do tema. Então, no ano de 2011, a Cortez Editora publicou um segundo livro de minha autoria abordando a avaliação em educação, intitulado *Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico*. Por esse livro recebi o Prêmio Jabuti, juntamente com a Cortez, que publicara o livro.

Em 2014, a Editora publicou o livro *Sobre notas escolares: distorções e possibilidades*, tema que me rondava há muito tempo, só nesse período vindo à tona.

Completando as informações biográficas, entre 1988 e 1992, fiz estudos de doutoramento na PUC/SP, defendendo a tese *Avaliação da aprendizagem escolar: sendas percorridas*.

Registro aqui imensa gratidão a José Xavier Cortez e a todos os profissionais de sua Editora por essa longa convivência que já tem a duração de 34 anos<sup>3</sup>.

Finalmente, desejo registrar na introdução deste livro uma gratidão à Diocese de Sorocaba, SP, por me ter possibilitado o acesso e a permanência nos estudos acadêmicos — Ginásio, Colégio, Triênio Filosófico, Bacharelado em Teologia —, perfazendo um total de treze anos de atividades discentes. Nesse espaço, aprendi a ler, escrever, pensar, argumentar, cuidar de mim mesmo. Gratidão, sempre!

Quanto ao segundo foco desta introdução, o conteúdo tratado neste livro, a abordagem que faço está comprometida com os anos de vínculos com o tema da avaliação em educação, incluindo questões epistemológicas, assim como a prática da avaliação da aprendizagem e, por último, alguns entendimentos sobre avaliação institucional e

---

3. Importa registrar que todos os livros que, no presente momento, tenho em circulação, foram publicados pela Cortez Editora. Além dos títulos sobre avaliação, estão publicados: *Fazer universidade: uma proposta metodológica*, *Filosofia da Educação* e *Introdução à Filosofia: aprendendo a pensar*, em coautoria com Elizete Silva Passos.

de larga escala e, finalmente, uma abordagem de que, para além das compreensões teóricas, está o educador, ciente de que é ele quem faz a diferença nas atividades educativas, atendendo aos estudantes.

Os capítulos 1 e 2 trazem abordagens epistemológicas sobre o ato de avaliar e os usos de seus resultados investigativos. A seguir, os capítulos 3, 4, 5, 6 e 7 abordam de questões relativas à avaliação da aprendizagem, tratando de conceitos, vicissitudes históricas, questões metodológicas e práticas, tipificações que lhe vêm sendo atribuída, e, por último, os âmbitos da prática da avaliação em educação — da aprendizagem, institucional e de larga escala. O capítulo 8 trata especificamente dos diversos objetos de práticas avaliativas na educação no Brasil, como poderia ocorrer em outro país qualquer: avaliação da aprendizagem, institucional e de larga escala (do sistema de ensino). E, por último, o capítulo 9 que, para além de todos os tratamentos e aprendizagens teórico-práticas, trata do educador. Ele é o condutor da sala de aula, do ensino e das aprendizagens dos estudantes. Sem sua mediação, todo o sistema de ensino permanece estático, desde que ele atua no âmbito da sua atividade-fim, a aprendizagem e formação dos estudantes.

Uma observação: no decurso das páginas deste livro, usei a denominação “professor” e “educador” exclusivamente na forma masculina, tendo em vista que seria exaustivo repetir constantemente a dupla expressão, masculina e feminina.

Ao encerrar esta introdução, explícito meu agradecimento à Cortez Editora, sempre solícita aos meus pedidos, por ter assumido a edição do presente livro.

Desejo a todos aqueles que tiverem acesso a este livro, boas leituras e consequentes compreensões da investigação avaliativa em educação. Bons estudos!

Salvador, BA, junho de 2018

*Cipriano Luckesi*